



DE VOLTA À COMUNICAÇÃO: UM PERCURSO HISTÓRICO-ETIMOLÓGICO

BACK TO COMMUNICATION: A HISTORIC-ETYMOLOGICAL JOURNEY

VOLVER A LA COMUNICACIÓN: UNA TRAYECTORIA HISTÓRICO-ETIMOLÓGICA

Tiago Barcelos Pereira Salgado

■ Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com bolsa CAPES. Doutor e mestre em Comunicação (UFMG), com doutorado sanduíche na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS/Paris). Pesquisador do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces do PPGCom PUC Minas, CNPq.

■ E-mail: tigubarcelos@gmail.com.

Maria Ângela Mattos

■ Docente da graduação em Comunicação e da Pós-graduação em Comunicação da PUC Minas. Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Líder do grupo de pesquisa Campo Comunicacional e suas Interfaces do PPGCom PUC Minas, CNPq.

■ E-mail: mattos.maria.angela@gmail.com.

48



RESUMO

Recuperamos historicamente a etimologia da palavra “comunicação”, buscando uma base comum que oriente pesquisas na área, de modo a termos uma unidade nos trabalhos, abarcando-os em uma mesma rubrica, sem desconsiderar a complexidade do fenômeno comunicacional, suas múltiplas abordagens e manifestações empíricas. Revisamos literatura específica e nos aprofundamos nos sentidos comunitário, espiritualista, retórico, transmissivo, informacional e técnico de “comunicação”. Concluimos que o termo “comunicação” adquire, sobretudo, sentido midiacêntrico e antropocêntrico em sua trajetória histórica.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; DEFINIÇÃO; ETIMOLOGIA; SENTIDOS.

ABSTRACT

This paper historically recovers the etymology of the word communication, seeking a common basis that guides research in this field, so we could have unity in the works, covering them under one heading, without disregarding the complexity of the communicational phenomenon, its multiple approaches and empirical manifestations. The article reviews specific literature, delving deeper into the community, spiritualist, rhetorical, transmissive, informational and technical communication meanings. The conclusion summarize that the term communication acquires, above all, mediacentric and anthropocentric meaning in its historical trajectory.

KEYWORDS: COMMUNICATION; DEFINITION; ETYMOLOGY; MEANINGS.

RESUMEN

Históricamente hemos recuperado la etimología de la palabra comunicación, buscando una base común que guíe la investigación en el área, de modo que tengamos una unidad en las obras, cubriéndolas bajo un solo título, sin dejar de lado la complejidad del fenómeno comunicacional, sus múltiples enfoques y manifestaciones empíricas. Revisamos literatura específica, profundizando en los significados de comunicación: comunitaria, espiritualista, retórica, transmisiva, informativa y técnica. Concluimos que el término comunicación adquire, sobre todo, significado midiacéntrico y antropocéntrico en su trayectoria histórica.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN; DEFINICIÓN; ETIMOLOGÍA; SENTIDOS.



1. Introdução

O campo da Comunicação apresenta objetos, teorias e métodos variados. Os enfoques de sete tradições principais – Retórica, Semiótica, Cibernética, Fenomenologia e Psicologia Social, Teoria sócio cultural e Teoria crítica –, conforme Craig (1999), conferem diversidade e complexidade à apreensão da comunicação. Os textos reunidos por Cáceres (2008) também explicitam essa pluralidade de abordagens: Sociologia funcionalista, fenomenológica, crítica e cultural; Economia política; Psicologia Social; Semiótica e Semiologia; Fonte Histórico-lingüística e Cibernética.

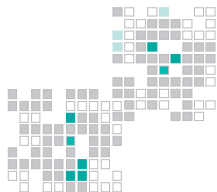
A diversidade de enfoques que tratam a comunicação como objeto e fenômeno, segundo Braga (2008, 2011), não deve conduzir à dispersão. Ainda que seja possível identificar 95 definições distintas para a palavra “comunicação” (Dance, 1970), 24 abordagens diferentes, que vão da antropologia à zoologia (Budd; Ruben, 1972), e 294 teorias distintas (Anderson, 1996); o que confere unidade ao campo comunicacional, conforme Craig (2008), é o termo “comunicação”.

Ao retomar a etimologia de “comunicação”, Winkin (1999) destaca a domesticação dessa palavra por estudos em Comunicação, sobretudo por influência funcionalista norte-americana. Conforme esse autor, o estado selvagem do termo deveria ser retomado para que seu sentido fosse mais bem compreendido. Williams (1976), França (2001) e Sodré (2014) também identificam tal domesticação ao destacarem a prevalência do sentido informacional e transmissivo atrelado à difusão dos meios de comunicação durante quase todo o século XX. Assim, a proposta de retomar etimologicamente “comunicação” e seus diversos sentidos revela-se um investimento necessário, quando consideramos a indeterminação do objeto científico da Comunicação e a variedade de enfoques socioculturais, político-econômicos e tecnológicos que essa área abarca, como ressalta Ferrara (2019).

Ao avaliarem acerca das principais palavras-chave e tópicos apresentados por mais de 19 periódicos de alto impacto, em inglês, e outras 20 publicações no *rank SCImago Journal & Country Rank*, Günther e Domahidi (2017) ressaltam que as principais publicações da área de Comunicação não mencionam o termo “comunicação”. Isso reforça publicações dedicadas à investigação e à análise de manifestações midiáticas em detrimento da definição de “comunicação”, bem como ressalta a domesticação de tal palavra para sua acepção informacional, transmissiva e midiocêntrica.

Acerca disso, Marcondes Filho (2009, 2010, 2015, 2018) questiona se teríamos uma comunicação ou a uma mediologia, e conclui que ainda não pesquisamos suficientemente a comunicação, mas passamos ao largo dela, pois a pesquisamos de modo midiocêntrico. Ferrara (2019) também faz essa reivindicação ao realizar dupla ruptura com a acepção informacional, transmissiva e midiocêntrica da comunicação, e com a noção antropocêntrica da comunicação, que desconsidera a interação entre humanos e máquinas.

Frente ao desgaste do termo “comunicação” nos discursos científico, tecnológico, social, psicológico, artístico, filosófico e cotidiano, como aponta Liesen (2014), este trabalho propõe contextualizar histórica e etimologicamente a palavra “comunicação” e revisar publicações que retomam seus sentidos. Propomos uma base comum que oriente pesquisas em Comunicação, para termos uma unidade nos trabalhos, no sentido daquilo que poderia uni-los e abarcá-los em uma mesma rubrica, sem, contudo, desconsiderar a complexidade do fenômeno comunicacional e de suas múltiplas abordagens e manifestações empíricas. Recorremos à classificação dos sentidos de “comunicação” feita por Peters (1999, 2008): retórico, espiritualista, purista, terapêutico, transporte, comunitário e técnico. Iremos considerar somente os sentidos em que os estudos científicos da Comunicação atribuem historicamente



relevância e pertinência, em função de sua perpetuação histórica: comunitário, espiritualista e retórico; transmissivo, informacional e técnico.

O diferencial deste trabalho está em aprofundar em cada sentido e em enfatizar a dimensão etimológica de “comunicação”, sobretudo quanto à dimensão medieval religiosa, contexto de gênese dessa noção. O artigo está dividido em duas seções que aglutinam sentidos próximos, que se explicam mutuamente, bem como nesta introdução e nas considerações finais.

2. Os sentidos comunitário, espiritualista e retórico

A palavra “comunicação” é primeiramente utilizada em latim, no vocabulário religioso, significando “ação comum” (Martino, 2001; Sodré, 2014). O termo é introduzido ao final do século XIII e início do século XIV em francês (Winkin, 1999). No século XIV, segundo Debray (1993), o termo *communicatio* em latim foi traduzido para *communication* em francês. “Comunicação” deriva do latim *communication* e significa pôr em comum, troca de conversas e propósitos, ação de participar ou fazer parte. De maneira geral, conforme Winkin (1999), o vocábulo foi introduzido no francês com o sentido de “maneira de estar junto”, e foi apreendido, desde o francês arcaico (por volta de 1370), como modo privilegiado de relações sociais.

Até o século XIV, conforme Debray (1993), o período medieval conhecia apenas a noção de “comunhão”, bastante utilizada entre os séculos X e XII, como destaca Winkin (2000). Esta noção supunha uma “não distância”, uma simbiose não somente entre os atores humanos desse processo de comunhão, mas também entre médiuns (os idiomas, no caso o latim) e mensagens. Em função dessa prática emergente que buscava expressar a ideia de “romper o isolamento”, como ressalta Martino (2017), houve a necessidade de se forjar a palavra “comunicação”. Essa mesma

ideia é retomada por Sodré (2014).

Assim, durante a Idade Média, se “comunhão” se referia à ação de comungar, de reunir, de partilhar e compartilhar um alimento; “comunicação” passa a enfatizar, segundo Martino (2001, 2017), a prática da ação comum, do encontro, que visa a aproximar as pessoas dos cenóbios – habitação religiosa onde os cenobitas (monges) viviam juntos – pelo fato de realizarem uma mesma ação: tomar a refeição da noite em comum.

A peculiaridade da ação comum dos cenobitas, descrita como “comunicação”, não recaia sobre a banalidade da ação de comer, mas de fazê-la juntamente com outros, de modo a reunir aqueles que se encontravam isolados (Martino, 2017). Se “comunhão” se referia ao partir do pão, no sentido da eucaristia; “comunicação” designa o encontro para se partir o pão. Assim, “comunicação” é a ação de tornar comum, de agir em comum, de um fazer comum a todos aqueles que participam desse fazer.

Nesse sentido, a sinonímia entre “comunhão” e “comunicação” durante o período medieval é quase total (Winkin, 1999), uma vez que ambos os termos passam a integrar frequentemente o vocabulário da liturgia cristã. O mesmo é verificado por Silva (2011) a respeito da comunicação litúrgica: o verbo *communicare* se liga ao adjetivo latino *communis* (*cum+múnus*), traduzido comumente em primeiro sentido como “pertencente a todos ou a muitos”, “comum”, “coletivo”, bem como “co-obrigado”, “obrigado a participar, isto é, dar algo, com o direito de receber algo, algum ofício ou benefício”. De *communis* advém o verbo *communicare*, cuja primeira acepção é “repartir, dividir alguma coisa com alguém, partilhar”. Desse sentido deriva o significado de “falar, conversar, comunicar”. A sinonímia entre “comunhão” e “comunicação” também se efetiva no italiano. O verbo *comunicare*, forma italiana mais próxima da latina, implica “ter relação, conviver”, e também significa “comungar, dar comunhão”.



A sinonímia se manifesta, ainda, na edição latina do Missal Romano, enfatizando a repartição, a divisão e a partilha de algo (Silva, 2011). O que é posto em comum, partilhado entre os partícipes da comunhão/comunicação é o corpo de Cristo, em seu sentido simbólico, representado pelo vinho (sangue) e pela carne (pão) entre aqueles que participam dessa cerimônia. Assim, experimenta-se, junto, em assembleia, reunidos, de maneira coletiva, o corpo de Cristo, em intercomunhão solidária. São comunicantes aqueles que participam dessa ação litúrgica. Trata-se de uma ação recíproca, uma vez que os dons do amor são compartilhados entre os comunicantes por meio do sacrifício de Cristo. O vínculo estabelecido entre os comunicantes mantém a comunhão, a unidade, em amor e paz. Essa unidade ou o sentido de “comum” a ela atribuído reside no fato de os comunicantes comungarem o mesmo Espírito (Espírito Santo).

Na versão latina as palavras *communicatio* e *participatio* se intercambiam em torno do mesmo sentido de *comunhão* (*koinonia* em grego) (Silva, 2011). Apesar da relação entre *communio* e *koinonia*, Lacoste (2005) sublinha, para o verbo *comunhão* (*communio*), que os termos não são de todo sinônimos. *Communio* não advém de *cum* (com) e *unio*, mas sim de *cum* e *munis* – adjetivo derivado de *munus* (ofício, dever), indicando aquele que realiza seu ofício. Trata-se de *com-munis*, do compartilhamento de um mesmo ofício, uma mesma tarefa, um mesmo fazer, partilhado entre todos, por isso comum. A comunidade (*communitas*) tem sua fonte naquilo que é comunicado por Deus aos comunicantes. Estes são chamados a comunicar o evangelho (boas novas) uns aos outros, testemunhas do que viram e ouviram, do que lhes foi comunicado por Deus e por outros.

A palavra latina *communis* corresponde ao termo grego *koinonos*, e o verbo *communicare* ao termo *koinonein* (Liesen, 2014). O termo

communication foi traduzido da palavra grega *méthexis*, ainda que esta fosse mais comumente traduzida por *communicatio*. A palavra *koinonia*, que integrava o vocabulário comum, sagrado e mitológico na Grécia Antiga, foi traduzida tanto como *communicatio* quanto como *communio*. O termo *koinonia* trazia o sentido de tomar parte e participar de algo que *communio* e *communicare* assumem no latim. O substantivo grego indicava também o comunicar com alguém ou algo, denotando a constituição de uma comunidade ou sociedade. Na filosofia grega, como nas obras de Aristóteles e Platão, conforme Mores citado por Liesen (2014), *koinonia* servia para descrever todo tipo de comunidade e união sustentada por interesses comuns.

Nessa comunhão (*communio*), sociedade (*societas*), congregação (*congregatio*), fraternidade (*fraternitas*), concordância/concórdia (*concordia*) e paz (*pax*) são frutos da eucaristia. Segundo Liesen (2014), é Paulo de Tarso quem difunde o sentido ocidental-cristão de *koinonia*, sugerindo tanto o *communicatio* quanto o *participare* latinos. *Koinonia* remete à participação comum, à associação e ao compartilhamento comum de uma mesma realidade. No sentido bíblico, a palavra *koinonia* é traduzida por *communio*, *societas*, *communicatio* e *participatio*. De maneira didática, *koinonia* enfatiza a participação em uma realidade comum; por sua vez, *communication* ressalta o dinamismo do dom, da troca; e *communio* reforça a situação resultante (Lacoste, 2005). Winkin (2000) destaca que essa união de corpos (dos comunicantes e do corpo de Cristo com estes) é o sentido presente em *communicare*, como “estar em relação”. *Koinonia*, então, assegura dois sentidos, conforme Liesen (2014): o interpessoal e o sacramental.

O termo *communicatio* deriva do adjetivo *municus*, assim como *civicus* deriva de *civis* (Lacoste (2005). O resultado ou efeito da comunicação é a comunhão. Por essa razão, as palavras *commu-*



nicatio e *communio* são utilizadas de maneira intercambiável, mesmo não sendo totalmente sinônimas. A ideia de civilidade ou civil presente em *communicatio* é destacada por Peters (2008) quando este ressalta o sentido retórico de *comunicação*. O *communicatio* pode ser compreendido como um comunicado tanto no sentido de informar sobre um evento – luta em arena –, quanto aquilo que é proferido por um orador. Ao se referir ao tratado sobre retórica e oratória do filósofo grego Cícero (*De Oratore*), Peters (2008) destaca que aquele emprega *communicatio* para se referir ao que ocorre quando um orador dialoga com uma audiência por meio de questionamentos (perguntas retóricas).

No sentido bíblico, difundido pela versão Vulgata, em latim, de São Jerônimo, durante o século IV, *communicatio* explicitava o tomar parte em coisas tangíveis (pão) e intangíveis (espírito). Conforme Peters (2008), o cristianismo expande a ideia de comunicação de uma dimensão material para um sentido metafísico: *communicatio* é o compartilhar de comida e bebida (pão e vinho) e o compartilhamento de mente e espírito.

Do latim, o termo e substantivo “comunicação” (*communicatio*) apresenta três elementos (Martino, 2001, 2017). O primeiro deles é a raiz *muniz*, que significa “estar encarregado de”. O segundo elemento é o prefixo *co*, que expressa simultaneidade e reunião, indicando a ideia de uma atividade realizada conjuntamente. O terceiro elemento é a terminação *tio*, a qual reitera a ideia de atividade. A ação (*actio*) se refere ao ato de colocar em movimento, de fazer, de realizar. O verbo agir (*agere*) corresponde ao verbo fazer (*facere*), que indica o ato de produzir.

Conforme Williams (1976), *comum* advém de *communis*. Para esse autor e também para Czitrom (1982), a raiz *com* significa junto, unido e se refere àquilo que é compartilhado. Duarte (2003) pontua que a ideia de comum (*communis*) em “comunicação” se refere àquilo que pertence a

todos ou a muitos. Para Czitrom (1982, p. 10), o comum aponta para a “participação comum” ou para a ação de “tornar as coisas comuns”. Da raiz *communis*, como destacam Granfield (1994) e Duarte (2003), surge o verbo *communicare*, que origina os verbos comungar e comunicar. Como salienta Granfield (1994, p. 3), *communicare* apresenta algumas acepções: partilhar, tornar comum, transmitir, informar e unir. O substantivo *communicatio* advém dessa mesma raiz e indica a ideia de tornar comum. Duarte (2003) acrescenta que o sufixo latino *ica* em “comunicação” indica “estar em relação”, e o sufixo *ção* indica “ação de”.

Williams (1976) afirma que “comunicação” é utilizado desde o século XV como substantivo que advém do participio passado (*communicationem* e depois *communicacion*) do verbo *communicare*, atualizado para *communicate*, que significa tornar comum a muitos. Primeiro, a comunicação dizia da ação de tornar comum (o verbo comunicar) e, na primeira metade do século XV, do objeto que é tornado comum (o substantivo comunicação) (Williams, 1976). Esse aspecto é reiterado por Winkin (1999) ao destacar que, ao início do século XVI, tal sentido se expandiu de maneira metonímica e passou a significar “coisa comunicada”.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, “comunicação” apresentava várias acepções nos vocabulários teológico (comunicação com Deus), jurídico, médico e físico (em 1753, comunicação do movimento), segundo Winkin (1999). Ao final do século XV, então, *communication*, em francês, torna-se o objeto que é posto em comum e, dois séculos depois, o meio de colocar em comum (Winkin, 2000). Durante o século XVIII, com o desenvolvimento dos meios de transporte, “comunicação” passa a designar as rotas, as vias, os canais e os caminhos. Assim, a partir daquele período, segundo Czitrom (1982), o sentido de “comunicação” inclui transmissão, transporte, troca de informação e de materiais, e passa a se referir



a estradas, canais, vias e ferrovias. Aprofundaremos esse sentido na próxima seção.

Cabe destacarmos que além de o verbo comunicar indicar a realização de uma ação comum, não se trata apenas de “ter algo em comum” ou “ser semelhante a”, de modo que comunicação não se refere à essência ou aos atributos das coisas. Martino (2001, 2017) sustenta que a relação entre elementos, que pode ser caracterizada como comunicação, não se dá pela simples constatação de que esses elementos possuem as mesmas propriedades: o verde das árvores e das esmeraldas não implica que ambas comuniquem por terem essa característica em comum.

No campo lexical do verbo latino *communicare* também se faziam presentes as palavras *mutare* (mover, mudar, trocar), *mutuus* (recíproco, troca) e *commutare* (mudar, transformar, negociar, vender). Conforme Nöth (2011), tanto os sentidos apresentados anteriormente (comum, fazer ou tornar comum) quanto estes outros evidenciam paradoxos e contradições na noção de “comunicação”. Apesar de o termo indicar participação, convivência e convívio, apontando para o intercâmbio social (humanos) e para a troca de informações, que levam a mudanças do pensamento e do conhecimento, também tem sentidos que apontam para uma direção oposta.

Comunicar, portanto, não significa apenas “fazer comum” ou “unificar”, mas também dividir e separar (Nöth, 2011). Há duas lógicas implicadas no termo “comunicação”: a lógica da conjunção (fazer comum, unificar) e a lógica da disjunção (separar, dividir). Ambas as lógicas estão implícitas no sentido de partilha presente em “comunicação”. Partilhar é, então, compartilhar (fazer ou tornar algo comum a todos), como também partir (separar, dividir, distribuir, transmitir). O que é tornado comum para Nöth (2011) é o conjunto de mensagens ou de informações trocadas. O que antes um só sabia é passado a outro, que também passa a saber. A informação é distribuída, parti-

lhada entre os dois, de modo que o primeiro continua a saber. Reside nessa apreensão o sentido transmissivo de comunicação, ainda que a informação seja “partilhada” entre os indivíduos.

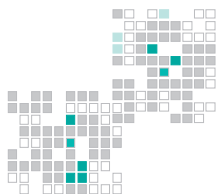
A ideia de participação presente em “comunicação” diz respeito a “fazer parte de”, sentido introduzido na forma latina a partir do século XVI (Winkin, 2000) e presente nos termos em português e em inglês (Nöth, 2011). No entanto, no alemão, a palavra “comunicação” (*kommunikation*) tem por sinônimo *mitteilung* e contém em si uma contradição: significa literalmente “com-separação” (Nöth, 2011).

Peters (2008) reforça tal contradição e ressalta que *mitteilung* significa “estar com os outros”. *Mit* indica o *com*, como o *kon* em outros termos alemães, e mesmo no grego *koinonia*, enquanto *teilen* significa “para compartilhar ou dividir”. Segundo Liesen (2014), *mitteilung* foi um termo amplamente usado pela filosofia dos séculos XVIII, XIX e XX. Conforme esse autor, *mitteilen* se relaciona a *communicatio*, e *mitteilen* corresponde a *communicare*. O adjetivo *mitteilbar* pode ser traduzido por comunicável. O uso mais frequente de *mitteilung*, como ressalta o autor, é feito em séculos anteriores ao XX.

Este artigo não tem a pretensão de esgotar a multiplicidade de acepções de comunicação presentes nos períodos históricos abordados nesta primeira seção. A seguir, atemo-nos em discutir outros sentidos de comunicação. Além de contrastarem com essas acepções que atribuem sentido antropocêntrico à palavra “comunicação”, tais sentidos se tornaram hegemônicos no campo comunicacional, tanto em seu sentido etimológico, quanto no senso comum, profissional e epistemológico, também conferindo acepção midiocêntrica ao termo “comunicação”.

3. Os sentidos transmissivo, informacional e técnico

Ao enfatizar o sentido principal de *communica-*



tio e *communicare* como partilhar, participar de algo ou pôr-se em comum, Sodré (2014) destaca que ao início do século XX – por influência do termo *communication* em inglês, atribuído às técnicas de transmissão de informações e da publicidade –, o sentido de “comunicação” sofre uma alteração radical, pois passa a vincular-se à “coisa comunicada” (a informação) e à sua transmissão. Essa ideia se espalha fortemente por meio do modelo telegráfico, modelo matemático ou modelo transmissivo, formulado por Claude Shannon e Warren Weaver ao final da década de 1940 (Wolf, 1987).

Antes, no século XVII, “comunicação” também se referia aos meios de comunicação, ou melhor, às linhas de comunicação, aos meios de transporte (estradas, canais, linhas férreas). Entretanto, o sentido de atrelar os meios de comunicação (mídias) ao termo “comunicação” aparece apenas no século XX, como destacam Williams (1976) e França (2001). A partir daí o sentido de que a comunicação é midiática, posto que informações são processadas e transmitidas pelos meios de comunicação e informação, adquire centralidade nos estudos em Comunicação, de modo que estes privilegiam os meios como objetos de investigação empírica (Rüdiger, 2014; Marcondes Filho, 2015; França; Simões, 2016). Conforme a perspectiva relacional/interacional da comunicação destas duas autoras, o que configura uma pesquisa em Comunicação não é o objeto empírico investigado, mas a maneira como esse objeto é tomado e analisado, destacando-se a relação entre os elementos observados.

A respeito do sentido transmissivo de comunicação decorrer do uso desse termo em inglês (*communication*), Sodré (2014) pondera que essa noção permeou a definição de “comunicação” nos diversos dicionários norte-americanos ao início do século XX e impactou na compreensão dessa palavra na Europa e posteriormente no Brasil. Martino (2001, 2017) complementa esse argumento ao salientar que a relação entre co-

municação e mídias é um dos sentidos atribuídos ao termo em dicionários brasileiros. Conforme esse autor, o caráter transmissivo de informações atribuído à “comunicação” ao início do século XX é também evidenciado pelo termo “mídia”, que passa a sintetizar a diversidade de meios de comunicação e de informação.

O sentido informacional atribuído à “comunicação” foi apropriado do modelo transmissivo de Shannon e Weaver e divulgado pela pesquisa norte-americana dos meios de comunicação de massa (*Mass Communication Research*). Esta pesquisa foi orientada, pela Sociologia Funcionalista, corrente influenciada pelos ideais de Auguste Comte e Émile Durkheim, cujo objeto privilegiado de investigação era “o estudo das relações sociais geridas pelas modernas tecnologias da informação e emolduradas no quadro teórico do par ‘comunicação/informação’, que é apenas outro nome para a comunicação moderna [...]” (Sodré, 2014, p. 11). O entendimento de comunicação pelos meios de comunicação e informação, herdado da Sociologia Funcionalista, também é reforçado por Maia e França (2003) e França e Simões (2016).¹

A noção original de “comunicação”, como ação comum, conforme Sodré (2014), foi, portanto, substituída pela noção de “transmissão de informações” ou “mensagens por meios de comunicação” e, posteriormente, relacionada à noção de “interação”, a fim de evitar apreender a comunicação apenas como informacional ou midiática, aspecto também ressaltado por Ferrara (2015) e França e Simões (2016). Como afirmam Rüdiger (2014) e Marcondes Filho (2015), os trabalhos em Comunicação tendem a privilegiar o estudo das mídias (meios de comunicação e informação) em detrimento da “comunicação” como fenômeno. Isso acaba por ofuscar o sentido etimológico original de “comunicação”, que passa a atrelar-se

1 Outras perspectivas que apreendem a comunicação pela via informacional são propostas por Gregory Bateson e Niklas Luhmann.



mais veementemente às mídias.

Essa variedade de acepções e abordagens repercute na ausência de consenso a respeito da definição de “comunicação”, o que impacta na definição da Comunicação como área do conhecimento ou mesmo como ciência (Martino, 2017). O termo “comunicação”, segundo França (2001), é utilizado à exaustão a partir da segunda metade do século XX, em parte pela proliferação exacerbada dos meios de comunicação e de seus produtos. Esse argumento se assemelha ao de Sodré (2014), para quem os meios de comunicação e a pesquisa das mídias e de seus efeitos por pesquisadores norte-americanos impacta na compreensão de “comunicação” pela sua definição informacional. A esse respeito, Winkin (1999) e Sodré (2014) destacam que a difusão e utilização em larga escala do termo “comunicação” naquele período se deve à influência do termo *communication*, em inglês, com seu sentido vinculado aos domínios da publicidade e das mídias (técnicas de comunicação).

Para Sodré (2014), todas as acepções predominantes no século XX ecoam no senso comum e nos estudos acadêmicos, bem como nos usos feitos pelo Estado e pelas empresas privadas e públicas da Comunicação. Isso dificulta a elucidação conceitual do termo “comunicação” e a sua constituição como área de conhecimento. Na perspectiva de Sodré (2014, p. 193, parênteses do autor), a “comunicação” “não é transmissão de informações, nem diálogo verbal, e sim uma forma modeladora (organização de trocas reais) e um processo (ação) de pôr diferenças em comum, sem que processo e ação possam [ser] considerados como arbitrários (de livre-escolha) [...]”.

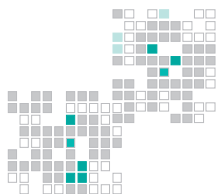
A compreensão de “comunicação” como transmissão de informação suprime, portanto, a ideia de compartilhamento presente na etimologia do primeiro termo (Williams, 1976). Com o intuito de contribuir para a substituição da ideia de “transmissão” por “interação”, ou mesmo para

uma adequação mais precisa dos termos relacionados à comunicação e ao largo espectro coberto por ela na contemporaneidade, Sodré (2002, 2014) propõe a classificação de três campos semânticos: veiculação – práticas de natureza empresarial (privada ou estatal) ligadas às tecnologias da informação; vinculação – ações de vinculação social, de natureza social, que retomam o sentido de compartilhamento, não confiando seu sentido ao espectro midiático; e práticas teóricas, reflexivas e críticas sobre as práticas de comunicação social e empresarial, desenvolvidas pelas instituições de ensino e pesquisa.

Frente a esse momento histórico, permanente no século XXI, e que reverbera na proliferação de acepções com angulação futurista em relação à grande utopia do capitalismo neoliberal e à tecnologia como manifestação universal do progresso, Sodré (2002) evidencia a necessidade de inventarmos um sistema conceitual para compreendermos a diversidade processual da comunicação. Trata-se de uma antropologia do vínculo e das interações entre humanos e neotecnologias, além de um empenho ético-político-antropológico capaz de compreender as mutações socioculturais dentro de um horizonte de autoquestionamento.

4. Considerações finais

Com base na revisão etimológica de “comunicação”, em sua trajetória histórica, iniciada no século XV, pudemos apreender que tal palavra apresenta sentidos comunitário, espiritualista, retórico, transmissivo, informacional e técnico. Ainda que os três primeiros significados se façam presentes na acepção de “comunicação”, os três últimos se destacam e tendem a impregnar a acepção do vocábulo. Isso se deve à invenção dos meios de comunicação (mídias), sua intensa difusão ao longo do século XX e sua continuidade no decorrer do século XXI, tanto na dimensão técnica quanto por abordagens comunicacionais.



Este artigo privilegiou a dimensão humana em função de o percurso histórico-etimológico de “comunicação” recair sobre ela. Por outro lado, reconhecemos a capacidade de ação de não humanos (minerais, vegetais, animais, objetos técnicos) e que estes comunicam. Essa perspectiva é objeto de investigações atuais nossas e de fu-

turas publicações, que buscam compreender em que medida a comunicação não se configura apenas de maneira antropocêntrica e midiocêntrica – aspectos que historicamente domesticaram o termo “comunicação” –, mas como processo que conjuga tanto humanos e não humanos que, juntos, comunicam.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, J. A. *Communication theory: Epistemological foundations*. New York: Guilford Press, 1996.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. *Matrizes*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.
- BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, Vale do Rio dos Sinos, v. 58, p. 62-77, 2011.
- BUDD, R. W.; RUBEN, B. D. (Eds.). *Approaches to human communication*. Rochelle Park, NJ: Hayden, 1972.
- CÁCERES, J. G. *Comunicación, Ciencia e Historia: fuentes científicas históricas hacia una Comunicología Posible*. Madrid: McGraw-Hill, 2008.
- CRAIG, R. T. Communication Theory as a Field. *Communication Theory*, v. 9, n. 2, p. 119-161, maio 1999.
- CRAIG, R. T. Communication as a Field and Discipline. In: DONSBACH, W. (Ed.) *The International Encyclopedia of Communication*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. p. 675-688.
- CZITROM, D. *Media and the American mind: from Morse to McLuhan*. Chapel Hill, N.C.: University of North Carolina Press, 1982.
- DANCE, F. E. X. The “concept” of communication. *Journal of Communication*, v. 20, n. 2, p. 201-210, jun. 1970.
- DEBRAY, R. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.
- DUARTE, E. Por uma epistemologia da Comunicação. LOPES, M. I. V. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 41-54.
- FERRARA, L. D. *Comunicação mediações interações*. São Paulo: Paulus, 2015.
- FERRARA, L. Prefácio. In: BRAGA, J. L. et al. (Orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2019. p. 11-17.
- FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação: a comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 39-60.
- FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. G. (Orgs.). *Curso básico de Teorias da Comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- GRANFIELD, P. (Ed.). *The church and communication*. Kansas City, MO: Sheed and Ward, 1994.
- GÜNTHER, E.; DOMAHIDI, E. What Communication Scholars Write About: An Analysis of 80 Years of Research in High-Impact Journals. *International Journal of Communication*, v. 11, p. 3051-3071, 2017.
- LACOSTE, J. (Ed.). *Encyclopedia of Christian Theology*. v. 1. A-F. New York: Routledge, 2005.
- LIESEN, M. Communicatio: communion: koinonia. *Questões Transversais*, v. 2, n. 4, p. 89-97, jul./dez. 2014.
- MAIA, R. C. M.; FRANÇA, V. V. A comunidade e a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 187-203.
- MARCONDES FILHO, C. Até hoje não começamos a estudar a comunicação. *Communicare*, v. 9, n. 1, p. 33-40, 2009.
- MARCONDES FILHO, C. A virada comunicacional. Ou porque os estudos de “mídiação”, de hábito e da Teoria dos Media passam ao largo da comunicação. *Famecos*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 134-145, abr./jun. 2015.
- MARCONDES FILHO, C. *Comunicologia ou mediologia? : a fundação de um campo científico da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2018.
- MARCONDES FILHO, C. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. Nova teoria da comunicação III: tomo V. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HO-



HLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 11-25.

MARTINO, L. C. *Escritos sobre epistemologia da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

NÓTH, W. Comunicação: os paradigmas da simetria, antissimetria e assimetria. *Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 85-107, jul./dez. 2011.

PETERS, J. D. Communication: History of the Idea. In: DONSBACH, W. (Ed.) *The International Encyclopedia of Communication*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008. p. 689-693.

PETERS, J. D. Introduction: The Problem of Communication. In: PETERS, J. D. *Speaking into the Air: A History of the Idea of Communication*. Chicago: University of Chicago Press, 1999. p. 1-30.

RÜDIGER, F. Epistemologia “da” Comunicação: elementos para a crítica de uma fantasia acadêmica. *Famecos*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 395-417, maio/ago. 2014.

SIGNATES, L. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade? In: BRAGA, J. L. et al. (Orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2019. p. 19-29.

SILVA, J. A. Comunicação litúrgica: ação sinergeticamente divino-humana. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 71, n. 283, p. 642-658, jul. 2011.

SODRÉ, M. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. *A Ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1976.

WINKIN, Y. *La nouvelle communication*. Paris: Seuil, 2000.

WINKIN, Y. Munus ou la communication : l'étymologie comme heuristique. *Médiation et information*, n. 10, p. 47-55, 1999.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1987.

